



COLETE ENCARNADO

REVISTA 2019

5 . 6 . 7 JULHO VILA FRANCA DE XIRA



**ENTRE O FADO,
A GASTRONOMIA
E OS TOUROS, EIS UMA
TERTÚLIA QUE VIVE
A *AFIÇÃO* DURANTE
TODO O ANO.**





Criada no ano de 1990, embora com outras designações, a Tertúlia “Os Farras” representa todo o espírito da gente castiça e de trato amigável que nos abre as portas com uma tão grande familiaridade como se de sua própria casa se tratasse. Desde 2012 que estão nas atuais instalações, na escondida Travessa dos Quebra Costas, n.º 2 A.

Recordam-nos ainda com a memória fresca que tudo começou num quintal, que funcionava só na altura do Colete Encarnado; mais tarde houve um outro ponto de encontro na Rua Direita “A Casa de Campo” mas que também só existia na altura da festa anual vila-franquense dedicada aos touros por excelência.

“Os Farras”, um grupo ativo de 15 a 20 pessoas, dinamizam atividades de convívio tauromáquico e têm a seu cargo um espaço de apoio e confraternização para todos os curiosos e amigos que mantenham viva a aficção que tão bem caracteriza Vila Franca de Xira.

AS INSTALAÇÕES

Nos primeiros tempos, a Tertúlia resumia-se a um grupo de amigos que se reuniam, durante o Colete Encarnado, para poderem partilhar desta paixão pelos touros.

O espírito mal passamos a porta de entrada é evidente: as paredes estão forradas com programas de antigos Coletes Encarnados, há uma parede dedicada aos fadistas de Vila Franca de Xira e outra com fotografias de alguns acontecimentos das largadas de touros da cidade.

Lá em baixo fica a “Adega do Ti Zé” e, em cima, está o pátio com os fogões e lava-louças, cozinha e a sala de jantar (que outrora fora um pombal), onde fomos brindados com um apetitoso lanche. Nos momentos em que ali se junta muita gente, espalham-se por todos os corredores e todos os cantos respiram tauromaquia.

Da última “Feira das Sopas” em que participaram, resultou algum dinheiro que ajudou às mais recentes obras.

Na sala onde decorreu a nossa conversa, vemos fotografias de toureiros de Vila Franca, como José Júlio, Mário Coelho, Vítor Mendes, José Falcão e Rui Bento





Vasquez (matadores de touros) e continuamos a ter alguns programas antigos. Noutra parede está a madrinha da Tertúlia, a jovem fadista Margarida Arcanjo, atualmente a viver em Londres, mas sempre presente em espírito, e parte do espólio (quadros) que a Câmara Municipal foi oferecendo à Tertúlia ao longo dos anos.

Fotografias de cavaleiros e ferros de ganadarias estão pendurados do outro lado e numa parte superior é exibida uma orelha da Comissão das Tertúlias. “Ficámos com a amostra da primeira que o Falcão cortou”, conta-nos o nosso anfitrião, Mário Ferreira, que, a par de Leonor Costa, nos vão dando os pormenores daquilo que fazem com tanto gosto.

AS ATIVIDADES

Continuamos numa mesa que já terá sido palco de muitos repastos e que agora serve para nos sentarmos à sua volta a passar em revista todas as piadas que se repetem quando personagens e momentos desta “família” são assunto.

O espírito dominante é “farra, comer, beber, e festa com alguém que cante alguma coisinha”, dizem-nos, já que tem de haver fôlego para todos os encontros nos quais é preciso trabalhar antes, durante e depois mas divertem-se neste “fazer bonito” para receber bem a seguir.

O elemento-chave partilhado por todos é o gosto pela Festa Brava. Quando toca a campanha para se juntar mais alguém, as gargalhadas multiplicam-se porque nada mais é que um chocalho que dá o sinal.

Com 83 anos, chega a D. Júlia, uma das mais antigas figuras desta história e que se junta a nós durante o convívio que motivou esta conversa. Dias houve em que ajudou a pôr os azulejos, também faz rissóis e croquetes, e ainda canta o fado no final das noites de festa.

Para se manterem “vivos”, “Os Farras” organizam eventos como homenagens a fadistas e também já fizeram uma tertúlia para deficientes motores; em novembro de 2018 organizaram o colóquio “Música, Touros e Fado”, que conseguiu juntar os fadistas Rodrigo e Margarida Arcanjo, o cavaleiro Manuel Bastos e o maestro Carlos Gonçalves.

Também fizeram um encontro que juntou a poesia e o fado com o professor de Filosofia Joaquim Marques, que escreve letras de fados, e vão organizando vários lanches-convívio de aficionados ribatejanos. Há dois anos, houve um almoço para o Grupo de Forcados das Caldas da Rainha e um passeio de barco que voltou a culminar com um lanche ribatejano. Com estes festejos pretendem levar o fado para o futuro e continuar a falar de touros depois do Colete Encarnado.

Nenhum compromisso se repete de forma obrigatória ou formal. “Vivemos a festa e fazemos os nossos eventos mas não temos um calendário obrigatório”, conclui Leonor Costa.

No primeiro fim de semana de julho é quando a Tertúlia ganha vida além da que vai mantendo num círculo relativamente fechado, e vem festejar o Colete Encarnado para a rua.

O que, eventualmente, distinguirá a Tertúlia “Os Farras” das outras, é o facto de gostarem de receber gente de fora e a tentativa que fazem de associar sempre os seus encontros a um propósito ou tema interessante que seja pretexto para se reunirem e envergarem a t-shirt identificativa d’ “Os Farras”.

Quando questionado sobre os ídolos do universo de que faz parte, Mário Ferreira responde que o seu líder tauromáquico a cavalo é António Ribeiro Teles. Enquanto matador destaca nomes como José Júlio, José Falcão, Mário Coelho e Henrique Ponce. Quanto à figura feminina, o nome que salta é Sónia Matias.